



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

MEDIAÇÃO CULTURAL- ARTES E LETRAS

**LINCHAMENTO DE FABIANE MARIA DE JESUS:
UMA ANÁLISE SOB A LENTE DO GÊNERO E RACISMO RELIGIOSO**

SABRINA DOS SANTOS DE SOUZA

Foz do Iguaçu

2024



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

MEDIAÇÃO CULTURAL- ARTES E LETRAS

**LINCHAMENTO DE FABIANE MARIA DE JESUS:
UMA ANÁLISE SOB A LENTE DO GÊNERO E RACISMO RELIGIOSO**

SABRINA DOS SANTOS DE SOUZA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Mediação Cultural – Artes e Letras.

Orientadora: Profa. Ma. Simone da Costa Carvalho

Co-orientadora: Profa. Dra. Larissa Fostinone Locoselli

Foz do Iguaçu
2024

SABRINA DOS SANTOS DE SOUZA

Linchamento de Fabiane Maria de Jesus:

Uma análise sob a lente do gênero e racismo religioso

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Mediação Cultural – Artes e Letras.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^ª. Ma. Simone da Costa Carvalho
UNILA

Co-orientadora: Prof^ª. Dra. Larissa Fostinone Locoselli
UNILA

Prof^ª. Dra. Cristiane Checchia
UNILA

Prof. Dra. Giane da Silva Mariano Lessa
UNILA

Foz do Iguaçu, 16 de Outubro de 2024.

Dedico este trabalho totalmente a minha mãe Lindinalva dos Santos Souza, que sob muito sol, me fez chegar até aqui pela sombra e com água fresca.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus protetores nos quais não os vejo, mas sinto a presença sempre comigo.

Um enorme agradecimento aos meus pais que mesmo com toda dificuldade fizeram com que esse processo tenha sido um pouco menos doloroso a cada dia. Aos meus, William Santos, Natália Menezes, Fadel Gutierrez, Cindi Rocha, Aleff Santos, Zaline Lopes e Ravena Barbosa. A vocês os meus mais sinceros agradecimentos, me ajudaram até quando não era necessário. Obrigada pelo companheirismo e apoio incondicional.

Agradeço por serem presença constante nos momentos em que a carga parecia insuportável. Obrigada por todos os risos leves quando acreditava que as páginas seriam intermináveis, cada incentivo foi crucial nessa jornada. Agradeço por me mostrarem que em meio ao caos, há espaço para um apoio mútuo. Obrigada por acreditarem em mim mesmo quando eu duvidava, obrigada por me erguerem mesmo quando o cansaço ia me vencendo. Eu amo vocês. Embora este trabalho carregue o meu nome, eu sempre lembrarei de vocês.

Sem as minhas orientações com a Simone Carvalho e Larissa Locoselli, com certeza eu não teria tido tanto aprendizado e discernimento para continuação da pesquisa, imensamente grata por ter tido uma troca sincera.

*Chegar aqui de onde eu vim é desafiar a lei da
gravidade. Pobre morre ou é preso, nessa idade
(Djonga - Junho de 9*

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar sob perspectiva do racismo religioso e do gênero o trágico caso do linchamento de Fabiane Maria de Jesus, conhecida como a "bruxa do Guarujá", que foi brutalmente assassinada após ser erroneamente confundida com uma suposta sequestradora de crianças no bairro de Morrinhos IV. A figura de Fabiane foi associada a estigmas ligados às religiões de matriz africana e práticas de magia negra. A pesquisa teve como metodologia, buscar dados do Guarujá/Morrinhos, uma revisão teórica sobre linchamento, um desdobramento sobre o mundo digital e as *fake news*, uma revisão teórica sobre artigos que abordam diferentes perspectivas do linchamento de Fabiane e por fim uma análise do linchamento através da perspectiva do gênero e racismo religioso.

Palavras-chave: gênero; racismo religioso; linchamento; *fake news*; mundo digital.

RESUMEN

Este trabajo tuvo como objetivo analizar desde la perspectiva del racismo religioso y de género el trágico caso del linchamiento de Fabiane Maria de Jesus, conocida como la "bruja de Guarujá", quien fue brutalmente asesinada tras ser erróneamente confundida con una supuesta secuestradora de niños en el barrio de Morrinhos IV. La figura de Fabiane fue asociada a estigmas relacionados con las religiones de matriz africana y prácticas de magia negra. La investigación tuvo como metodología buscar datos de Guarujá/Morrinhos, una revisión teórica sobre el linchamiento, un desarrollo sobre el mundo digital y las noticias falsas, una revisión teórica de artículos que abordan diferentes perspectivas del linchamiento de Fabiane y, por último, un análisis del linchamiento desde la perspectiva de género y racismo religioso.

Palabras clave: género; racismo religioso; linchamiento; *fake news*; mundo digital.

ABSTRACT

This study aimed to analyze, from the perspectives of religious racism and gender, the tragic case of the lynching of Fabiane Maria de Jesus, known as the "Witch of Guarujá," who was brutally murdered after being mistakenly identified as a supposed child abductor in the Morrinhos IV neighborhood. Fabiane's image became associated with stigmas related to Afro-Brazilian religions and practices of black magic. The research methodology included gathering data from Guarujá/Morrinhos, a theoretical review on lynching, an exploration of the digital world and fake news, a theoretical review of articles addressing different perspectives on the lynching of Fabiane, and finally, an analysis of the lynching through the lenses of gender and religious racism.

Keywords: gender; religious racism; lynching; fake news; digital world.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Fabiane Maria de Jesus	12
Figura 2 – Retrato falado	13
Figura 3 – Comentários da página “Guarujá Alerta”	13
Figura 4 – Fabiane Maria de Jesus	14
Figura 5 – Bíblia	15
Figura 6 - Linchamento	16
Figura 7 - Linchamento	16

SUMÁRIO

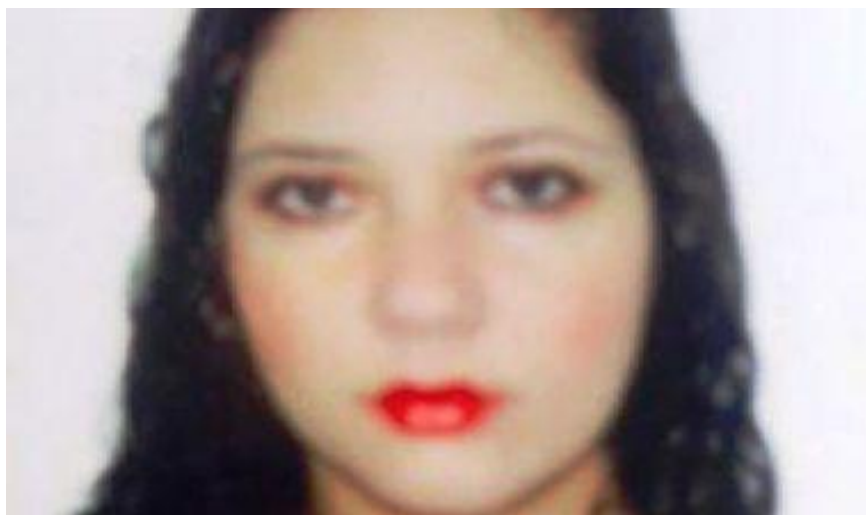
1. INTRODUÇÃO	12
2 O CASO DE FABIANE MARIA DE JESUS	19
2.1 COMUNIDADE DE MORRINHOS/GUARUJÁ	19
2.2 REVISÃO TEÓRICA SOBRE LINCHAMENTO.....	25
2.3 MUNDO DIGITAL E FAKE NEWS.....	27
2.4 LINCHAMENTO DE FABIANE MARIA DE JESUS: UMA ANÁLISE SOB DIFERENTES PERSPECTIVAS.....	29
2.5 ANÁLISE DO LINCHAMENTO DE MORRINHOS: QUESTÕES DE GÊNERO E RACISMO RELIGIOSO.....	34
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

O caso que estudamos neste trabalho, que apresentaremos a seguir, desperta-me bastante atenção principalmente por permitir refletir como a violência se encontra presente dentro da cultura humana desde há muito tempo. Trata-se de um caso de linchamento que permite ser analisado a partir de diferentes esferas. Neste trabalho, os ângulos analisados serão o gênero e o racismo religioso.

O caso: A disseminação de notícias fraudulentas (as chamadas *fakes News*) e uma de suas mais trágicas consequências é o crime de querer fazer justiça com as próprias mãos. Essa é a história da Fabiane Maria de Jesus, uma mulher religiosa de 33 anos, casada, mãe de duas meninas, moradora de uma comunidade em Guarujá (Morrinhos IV), no litoral sul de São Paulo. No dia 3 de maio de 2014, um sábado, ela foi dar um passeio de bicicleta pelo bairro onde vivia. Pegou sua bíblia, que tinha esquecido na igreja, dividiu comida com uma criança que parecia estar com fome e então, por uma série de coincidências trágicas, ela foi confundida com uma suposta sequestradora de crianças, uma bruxa imaginária criada por uma série de notícias falsas na internet; a partir daí Fabiane Maria de Jesus passou por um linchamento que chocou o Brasil.

Figura 01 : Fabiane Maria de Jesus



Fonte: Novo Momento. Foto de Fabiane Maria de Jesus. 2014. Disponível em: [Retrato falado que levou à morte de mulher era antigo - Novo Momento](#). Acesso em: 27/09/2024.

Para entendermos o caso precisamos recuar dois anos antes. Em 2012, uma mulher tentou sequestrar uma criança a mais de 300 km do Guarujá. Uma testemunha da tentativa de sequestro deu seu depoimento na delegacia e, a partir dele, a polícia fez o retrato falado da criminosa, retrato esse que foi dado como verídico pelo delegado Luiz Ricardo Lara. Dois anos depois, esse retrato falado ressurgiu para ilustrar uma notícia falsa publicada numa página chamada comunitária “Guarujá Alerta” (página do Facebook). Com mais de 50 mil seguidores, a página foi criada por um morador para denunciar acontecimentos na cidade.

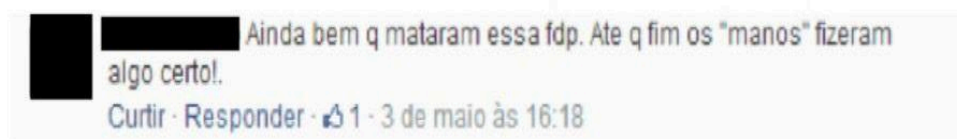
Figura 02 : Retrato falado



Fonte: Agencia Estado. Retrato falado da suposta sequestradora de crianças. 2014. Disponível em: [Retrato falado atribuído a mulher linchada foi feito há 2 anos \(hojeemdia.com.br\)](http://hojeemdia.com.br). Acesso em: 27/09/2024.

Os usuários da rede social começaram a se alimentar dessa mentira e começaram a criar outros relatos se referindo à suposta sequestradora, que mais tarde se mostrariam falsos

Figura 03 : Comentário sobre a “bruxa do Guarujá”



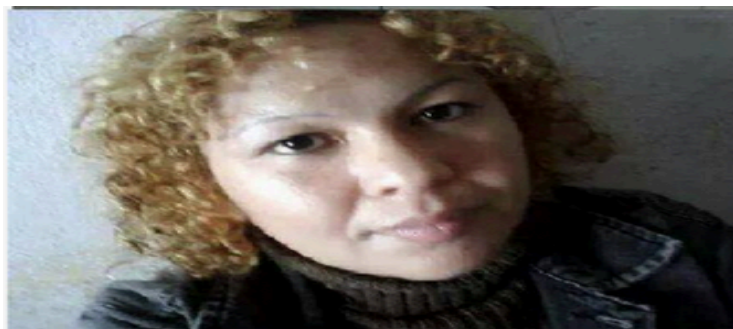


Fonte: O acionamento de lógicas anaforizantes na cobertura jornalística do caso da Bruxa de Guarujá. 2016. Acesso em : 27/09/2024

Alguns dias depois, a página reforçou os boatos, mas não havia registro de casos de sequestros no Guarujá e nem nas redondezas. As publicações geraram novos comentários raivosos e novos boatos sobre o caso. Após três semanas de boatos, a página resolveu desmentir o caso, mas já era tarde. O caso já tinha se espalhado e a situação já havia saído do controle, principalmente em um dos bairros do Guarujá, a comunidade de Morrinhos IV.

Segundo o advogado da família de Fabiane Maria de Jesus, Airton Sinto, a primeira coincidência trágica da história é que, um dia antes do seu linchamento, Fabiane resolveu mudar a cor de seu cabelo. Uma moradora de Morrinhos IV publicou uma foto de uma mulher alegando que aquela seria a suposta sequestradora e que ela estaria na comunidade, essa mulher tinha cabelos loiros e eram exatamente da mesma cor da qual Fabiane havia pintado seu cabelo.

Figura 04 : Fabiane, após descolorir os cabelos



Fonte: Band Jornalismo. 2024. Disponível em: [Morte causada por fake news no Guarujá completa 10 anos e regulação das redes segue sem avanço | Band \(uol.com.br\)](https://www.band.com.br/2024/03/10/morte-causada-por-fake-news-no-guaruj%C3%A1-completa-10-anos-e-regula%C3%A7%C3%A3o-das-redes-segue-sem-avanc%C3%B3). Acesso em : 03/10/2024.

Assim nos deparamos com mais uma notícia fraudulenta, pois a mulher da foto postada pela moradora não era a mulher do retrato falado, e foi assim que os próprios moradores começaram a procurar uma mulher de cabelos curtos e loiros, o que coincidia com a aparência de Fabiane quando saiu no dia 3 de maio de 2014 para andar de bicicleta.

A segunda coincidência fatal da história de Fabiane Maria de Jesus foi a bíblia. A bíblia de Fabiane tinha uma capa diferente das tradicionais e isso levou a que, mais tarde, o livro sagrado fosse considerado um livro de rituais de “magia negra” pelos moradores que deram início ao linchamento.

Figura 05 : A bíblia de Fabiane



Fonte: A bíblia de Fabiane. Fonte: Cidade Alerta. 2022. Disponível em: [Cidade Alerta - Fabiane Maria de Jesus, de 34 anos, foi... | Facebook](#). Acesso em : 03/10/2024.

Após buscar sua bíblia na igreja, Fabiane resolveu parar num hortifruti e comprar bananas. Infelizmente, a partir daí começou o desfecho da sua vida. Antes de Fabiane chegar em casa, ela parou em um bar para beber água, avistou uma criança brincando e resolveu oferecer uma banana. A mãe do menino, que estava próxima, viu o que estava acontecendo e interpretou o gesto de Fabiane como um suposto aliciamento de menor e início de um sequestro. Os comentários acerca da “bruxa” sequestradora de crianças circulavam com muita força pelo bairro. Em seguida, iniciou-se uma discussão em que o pai da criança chamou todos ao redor para confrontar Fabiane. No meio da discussão, perguntaram a Fabiane: “cadê as crianças?” Ela então respondeu “estão lá em casa”. As crianças às quais Fabiane se referia eram suas duas filhas, Ester e Yasmin.

Este mal-entendido foi a senha para o início do linchamento. Fabiane foi pisoteada, amarrada por um fio e arrastada até o fim do bairro de Morrinhos IV. Chegando na área final do bairro, ela foi jogada de cima de umas palafitas e um dos agressores começou a golpear violentamente a cabeça de Fabiane com um pedaço de madeira e, por fim, tentaram queimá-la, mas não tiveram sucesso. Há registros no banco de dados da polícia de várias chamadas anônimas de pessoas pedindo com urgência a intervenção dos policiais no bairro de Morrinhos IV. Uma viatura foi enviada para verificar a ocorrência e informações através dos jornais indicam que os policiais foram impedidos pela multidão de entrar no local.

"Alerta de gatilho: as fotos a seguir podem conter imagens sensíveis que podem causar desconforto."

Figura 06 : Linchamento



Fonte: Pragmatismo. 2017. Disponível em: [4 'justiceiros' que mataram Fabiane de Jesus são condenados a até 40 anos de prisão \(pragmatismopolitico.com.br\)](https://pragmatismopolitico.com.br). Acesso em: 03/10/2024

Figura 07 : Linchamento



Fonte: Fonte: Correio Braziliense. 2014. Disponível em: [Mulher morta em linchamento é a 20ª vítima de "justiçamentos" só neste ano \(correiobraziliense.com.br\)](https://www.correiobraziliense.com.br). Acesso em: 03/10/2024.

Quando alguns moradores tomaram consciência de que era falsa a alegação de que Fabiane era uma sequestradora de crianças, que se tratava de uma *fake news*, os vídeos do linchamento gravado pelos próprios moradores do bairro chegaram até a polícia e começaram a ser realizadas ligações anônimas denunciando quem havia participado do crime.

O primeiro preso foi Valmir Dias Barbosa, de 47 anos, preso por homicídio triplamente qualificado (Valmir foi o homem que golpeou Fabiane com uma viga de madeira). Em sua defesa, ele disse: “simplesmente eu também tenho filhos, o papo que rolava era de que estavam matando crianças, não tinha como saber se era inocente ou não” (Linha direta, 12/03/2023). Lucas Rogério Fabrício Lopes, de 19 anos, foi o segundo preso. Flagrado jogando o pneu dianteiro da sua bicicleta na cabeça de Fabiane, ele pediu perdão pelo crime e disse que estavam todos assustados. Algumas semanas depois, outras pessoas foram presas e confessaram o crime, tendo sido condenadas de 26 a 40 anos de prisão.

Na época, o responsável pela página “Guarujá Alerta”, no Facebook, negou, em uma entrevista anônima para o programa da Rede Globo *Fantástico*, ter responsabilidade pelo linchamento de Fabiane Maria de Jesus. É certo que em nenhum momento foram publicadas mensagens exortando ao linchamento, mas quando ele percebeu que sua página tinha viralizado após as primeiras publicações sobre a suposta sequestradora de crianças, ele começou então a alimentar a página com qualquer pretensa informação que tinha sobre o caso, no intuito de ganhar mais seguidores na rede social.

O Facebook, rede social que hospedou as notícias falsas sobre o caso, emitiu uma nota em resposta à ação da família de Fabiane contra a empresa:

Trabalhamos constantemente para manter a nossa comunidade segura. Fazemos isso aperfeiçoando nossas políticas, desenvolvendo tecnologia para encontrar e remover conteúdo que viole essas regras, e colaborando com as autoridades de acordo com a Lei. Esse é um esforço permanente, a que os desafios da sociedade enfrentam no mundo offline frequentemente se refletem na internet [sic] (Linha direta, 12/03/2023).

Para esta pesquisa, foi realizado inicialmente um levantamento de dados sobre a cidade do Guarujá (SP) e conseqüentemente um levantamento sobre o

bairro de Morrinhos, através principalmente do artigo acadêmico “O linchamento em Morrinhos - boato, estigma e violência”, de Felipe Miranda Leal e Denise Martin (2019). Por motivos de difícil acesso a dados específicos sobre o bairro de Morrinhos e suas subdivisões, a pesquisa conta também com os dados da cidade de Guarujá (SP). Que serão apresentados na seção 2.1.

Em sequência foi realizada uma revisão teórica sobre linchamento, sob a perspectiva do sociólogo José de Souza Martins, e uma breve revisão sobre o mundo digital e as *fake news*, apresentados respectivamente nas seções 2.2 e 2.3.

Posteriormente, foi elaborada uma revisão teórica de quatro artigos sobre o linchamento de Fabiane, em diferentes perspectivas: sociológica, saúde mental, jornalística e análise discursiva (2.4). Após a revisão teórica, foi realizada uma análise do caso da Fabiane (2.5) trazendo um olhar voltado para as discussões de gênero e racismo religioso. Por fim, no capítulo 3, apresentamos as considerações finais deste trabalho.

2 O CASO DE FABIANE MARIA DE JESUS

2.1 COMUNIDADE DE MORRINHOS/GUARUJÁ

Morrinhos é um bairro da cidade do Guarujá (SP) cujo loteamento é subdividido em 4 partes, a saber: Morrinhos I, II, III e IV. Morrinhos fica próximo à Rodovia Cônego Domênico Rangoni (sentido bairro da Enseada) e próximo ao Centro da cidade. Por motivos de difícil acesso a dados específicos sobre o bairro e suas subdivisões, para que entendamos melhor o contexto em que ocorre o caso de que nos ocupamos neste trabalho, a pesquisa conta também com os dados da cidade de Guarujá (SP). Os dados reunidos ajudam a entender melhor o contexto social sobre o local em que ocorreu o linchamento, incluindo dados sobre a urbanização do Guarujá e sobre violência e segurança pública. As informações sobre Morrinhos foram recolhidas através do artigo acadêmico “O linchamento em Morrinhos - boato, estigma e violência”, feito por Felipe Miranda Leal e Denise Martin (Leal e Martin, 2019), os dados sobre urbanização foram retirados do IBGE, e sobre segurança e violência pública foram recolhidos através do Resumo Executivo do Guarujá.

Segundo o Censo de 2022, a cidade de Guarujá possui 287.634 pessoas e sua densidade demográfica é de 1.986,50 habitantes por quilômetro quadrado (IBGE, 2022). Em 2021 o salário médio mensal era de 3 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 16,78%. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, havia 36% da população nessas condições, o que o colocava na posição 108 de 645 dentre as cidades do estado e na posição 3357 de 5570 dentre as cidades do Brasil (IBGE, 2022).

Conforme dados do Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade) referentes ao ano de 2015, a taxa de empregos formais em Guarujá estava significativamente abaixo da média do estado de São Paulo, com destaque para o ramo da indústria, no qual o estado possui uma taxa de 18,36% de participação de empregos formais, enquanto Guarujá possui apenas 5,28% (Leal e Martin, 2019, p.7).

Através do Instituto Pólís foi divulgado um Resumo Executivo do Guarujá. O Instituto Pólís é uma organização da sociedade civil (OSC) de atuação nacional, constituída como associação civil sem fins lucrativos, apartidária e pluralista. Desde

sua fundação, em 1987, o Pólis tem a cidade como *lócus* de sua atuação. A defesa do Direito à Cidade está presente em suas pesquisas, trabalhos de assessoria ou de avaliação de políticas públicas, sempre atuando junto à sociedade civil visando o desenvolvimento local na construção de cidades mais justas, sustentáveis e democráticas. Realiza pesquisas, registros, sistematizações e análises com o objetivo de fomentar e qualificar o debate sobre questões relacionadas ao direito à cidade. O conteúdo produzido subsidia materiais de difusão, ações de formação e assessorias técnicas, para contribuir com a implementação de políticas mais incluídas nas cidades (Resumo Executivo, 2020, p. 35).

O resumo Executivo de Guarujá realizou uma pesquisa qualitativa junto a dois grupos de moradores, que incluiu o processo de escuta junto a organizações da sociedade civil no município, por meio de entrevistas, especialmente instituições participantes do processo de construção da Agenda 21 local. Uma fonte importante foi o Plano de Desenvolvimento Sustentável do Guarujá (Resumo Executivo, 2020, p. 10). O material recolhido foi compilado e sistematizado procurando refletir as principais questões e visões apresentadas sobre o município, suas políticas públicas, perspectivas de desenvolvimento e visão sobre os possíveis impactos dos grandes projetos previstos para o litoral (Resumo Executivo, 2020, p. 4).

As manifestações nos grupos de pesquisa qualitativa sobre a gestão das políticas públicas no Guarujá, enfatiza as deficiências e fragilidades na implementação destas políticas. Entre as organizações da sociedade civil, as manifestações apontam uma melhoria na gestão pública, ao mesmo tempo em que apontam inúmeras insuficiências na efetivação das políticas públicas, especialmente das voltadas para os mais pobres e para as comunidades mais periféricas (Resumo Executivo, 2020, p. 4).

Os entrevistados destacam a importância de uma gestão pública descentralizada em Guarujá, sugerindo que as decisões e a administração dos problemas e políticas devem ser tratadas nas regiões específicas do município. Um desafio significativo é a mobilidade urbana. O sistema de transporte público é visto como caro e ineficiente, com longas esperas nos pontos de ônibus, poucos veículos em operação e superlotação, problemas frequentemente atribuídos ao monopólio do setor (Resumo Executivo, 2020, p. 34-36).

A questão do saneamento também é uma preocupação central. Os entrevistados e organizações da sociedade civil apontam que a rede de esgoto não

abrange toda a cidade e que, durante a alta temporada, a infraestrutura não suporta o aumento populacional, resultando em escassez de água e alagamentos frequentes devido à drenagem precária (Resumo Executivo, 2020, p. 34-36).

Nas discussões qualitativas, duas questões emergem como prioritárias: saúde e segurança pública (Resumo Executivo, 2020, p. 34-36). A segurança pública é considerada crítica. Durante a alta temporada, a população se sente mais segura devido ao aumento do efetivo militar, mas há críticas sobre a violência da polícia nas abordagens a jovens, especialmente entre negros e moradores de áreas periféricas. Além disso, organizações da sociedade civil ressaltam que a insegurança tem afetado negativamente o turismo, apesar da localização privilegiada de Guarujá em relação a São Paulo (Resumo Executivo, 2020, p. 34-36).

Sobre a Precariedade Habitacional e Regularização Fundiária o resumo Executivo de Guarujá (2020) discute sobre a desigualdade social em Guarujá, destacando a diferença entre os condomínios de luxo, voltados para o turismo e a classe alta, e as áreas mais periféricas, onde reside a população de menor renda. Esses condomínios estão localizados em regiões com boa infraestrutura, enquanto a população fixa ocupa áreas distantes e menos valorizadas, que frequentemente carecem de serviços básicos. Além disso, a precariedade habitacional se intensifica nesse cenário, com uma demanda crescente por regularização fundiária e melhorias nas condições de habitação para a população de baixa renda. O resumo executivo destaca que a habitação se tornou um desafio crucial para o desenvolvimento sustentável do município, evidenciado pelas diretrizes do Plano Diretor que visam regularizar a situação fundiária, incentivar a construção de novas moradias e melhorar a infraestrutura existente. O Resumo Executivo (2020) menciona que aproximadamente 41% dos domicílios permanentes de Guarujá estão em núcleos de assentamentos precários, revelando um panorama de vulnerabilidade social que demanda atenção urgente (Resumo Executivo, 2020, p. 22-28).

O resumo executivo do Guarujá 2020 apresenta uma visão abrangente sobre o desenvolvimento da cidade, enfatizando a importância da sustentabilidade e da infraestrutura. Ele busca não apenas fomentar o turismo, mas também melhorar serviços essenciais, como saúde e educação, para beneficiar a população. Os desafios, como a urbanização e a preservação ambiental, são reconhecidos, e o documento propõe soluções para enfrentá-los, com foco na qualidade de vida e no bem-estar dos cidadãos.

Dentro do município de Guarujá, o bairro de Morrinhos se revelou um bairro peculiar, situado em uma ilha famosa por suas belas praias, mas que não possui praia própria. Não está diretamente ligado ao porto ou à pesca; em vez disso, apresenta um ambiente marcado por cavalos nas ruas e um odor intenso, resultado da combinação de cheiro de diesel, pastagens e lixo acumulado, o que destoa do entorno turístico luxuoso das praias locais. O bairro começou a ser ocupado há cerca de 30 anos, como parte de um programa municipal de desfavelamento que previa a construção de casas populares. No entanto, essa ocupação ocorreu antes da infraestrutura ser implementada, levando a que Morrinhos se tornasse conhecida como a mais nova favela de Guarujá (Leal e Martin, 2020, p. 6).

A violência no bairro parece criar um "equilíbrio" nas relações sociais, já que o tráfico de drogas e propinas movimentam a economia local. Isso resulta em uma vigilância comunitária que busca manter a polícia afastada, oferecendo uma forma de proteção aos moradores. Contudo, essa dinâmica também implica a aplicação de "justiça com as próprias mãos" para aqueles que desrespeitam as regras locais. Essa tentativa de afastar o Estado se reflete na falta de serviços básicos em Morrinhos, como uma unidade de saúde 24 horas, agências bancárias ou correios, criando um cenário em que a presença da polícia é vista como desnecessária (Leal e Martins, 2020, p. 6).

Como dito anteriormente, encontrar informações sobre Morrinhos IV através da internet não é muito fácil. É possível encontrar algumas notícias sobre o bairro e suas subdivisões através de vídeos no *Youtube* de reportagens antigas e algumas páginas no *Facebook* que noticiam sobre eventos religiosos, venda de imóveis e móveis, entre outros assuntos cotidianos, como a divulgação de festas no bairro ou até mesmo divulgações sobre algum produto à venda nos mercados.

No *Youtube* é possível encontrarmos um vídeo compartilhado através do canal Guarutv07, publicado em 5 de Junho de 2013 (ano anterior ao linchamento de Fabiane Maria de Jesus). Trata-se de uma matéria feita por um jornal chamado *Cidadão Repórter*, que mostra a revolta dos moradores de Morrinhos III por conta dos alagamentos em tempos de chuva na Travessa 361, quadra 129. Assim, diz uma entrevistada de nome Maria dos Santos: "situação pior possível, alaga tudo e a água retorna para as casas, precisa fazer alguma coisa". A repórter questiona Maria dos Santos em relação ao esgoto e Maria responde: "o esgoto é precário, não tem guia, não tem tubulação, não tem nada e o esgoto retorna para dentro das casas. E

não vem ninguém para desentupir e quem desentope são os próprios moradores”. Outra entrevistada é Tânia Mara de Santos Almeida, que confirma as falas de Maria dos Santos, comentando ainda: “estamos sem rede de esgoto, sem tubulação, sem guia, sem asfalto, estamos esquecidos e ninguém vem fazer nada aqui”¹.

Na pesquisa de campo de Denise Martin e Felipe Miranda Leal, um morador diz o seguinte:

O pessoal aqui resolve muito as coisas assim, até mesmo pelo fato que chamar a polícia aqui pro bairro acaba atrapalhando os negócios do pessoal, que fica visado o bairro, aí eles tudo leva lá pro fundão (fundão se refere às casas de palafitas que se encontram nos fundos dos bairros) (Leal & Martins, 2019, p. 8).

Assim, podemos analisar que em Morrinhos há uma grande ausência ou falta de intervenção do Estado, como ocorre na maior parte das comunidades periféricas, e a comunidade acaba montando sua própria estrutura social. Esta é uma condição que pode acabar levando as pessoas a serem obrigadas a aceitarem a violência entre os moradores dentro do próprio bairro. Com o passar do tempo, isso vai virando uma coisa natural do local, o trecho a seguir da entrevista confirma isso:

Eu me choco, mas o pessoal não. Ah! é normal... ah! bateram no fulano, e é normal. Então aqui pra eles é normal. E as crianças da comunidade, na maioria, a gente vê que eles já crescem com isso que é normal, é normal (Leal & Martin, 2019, p.8).

A situação da violência segue vigente nos anos posteriores ao linchamento de Fabiane. Exemplo disto é a Operação Verão, que consiste em uma ação coordenada que visa garantir a segurança e o bem-estar dos turistas e moradores durante a alta temporada nas praias, especialmente em regiões como Guarujá. Implementada por diversas autoridades, como polícia, guarda municipal e órgãos de saúde, a operação inclui medidas como patrulhamento intensificado, fiscalização de estabelecimentos e ações de prevenção contra crimes e acidentes. O objetivo é proporcionar um ambiente seguro aos turistas e à população privilegiada durante a temporada de verão, além de promover a preservação do patrimônio natural e cultural da região.

O jornal Folha de São Paulo divulgou dia 01 de agosto de 2023 um relato sobre a violência policial no bairro de Morrinhos. Por motivos de segurança, não foi

¹ Publicado pelo Guarutv07. Disponível em: [RECLAMA MORRINHOS III - YouTube](#). Acesso em 08 out 2024.

divulgado o nome do morador entrevistado, que vive na comunidade de Morrinhos IV. Seguem abaixo algumas partes do relato:

Eu moro na comunidade de Morrinhos, no Guarujá. E aqui a comunidade é dividida em Morrinho 1, 2, 3 e 4. O Morrinho 1 é como se fosse uma classe A da favela, com moradias um pouco melhores. E vai diminuindo. O 4 é onde eu moro. E ainda tem, um pouco mais pra trás, o pessoal que mora em barracos. Aqui a gente está próximo das comunidades da Vila Zilda e da Vila Julia. A morte do PM (Polícia Militar) foi nesta região.”

“Na sexta de manhã o Guarujá todo já estava cheio de polícia. De tarde mataram um e de noite mais outros, pelo que ficamos sabendo aqui. O clima tá bem pesado. Você olha na rua e não vê ninguém. Sensação de terror e de medo. Na verdade, o clima aqui é sempre esse. Não nesse nível de matança, mas sempre esse. De medo e insegurança.”

O relato destaca a classificação social dentro da comunidade de Morrinhos, evidenciando como a qualidade das moradias varia entre os diferentes setores, embora todos pertençam às classes C, D e E. O contraste entre Morrinho 1, considerado mais privilegiado, e Morrinho 4, onde o narrador reside, revela as desigualdades presentes. A menção à proximidade com outras comunidades, como Vila Zilda e Vila Julia, e o impacto da morte de um policial militar na região, sugere um contexto de violência e insegurança que afeta diretamente a vida dos moradores. Isso chama atenção para os desafios enfrentados na busca por melhorias nas condições de vida e segurança na comunidade.

“A gente tá falando com os amigos e parentes por grupo de WhatsApp. Grupos que a gente já tinha, pra falar de futebol, essas coisas, agora estamos usando pra mandar notícias, pra gente se atualizar da situação. Eu tenho um irmão que tem passagem pelo crime, mas hoje em dia ele trabalha. Agora ele está com medo de trabalhar porque, ao voltar para casa, ele pode ser parado e morrer [...]”

“Acho que aqui em Morrinhos 4 foram umas duas mortes. A última é o caso desse rapaz aí. As comunidades com mais mortes estão na região de Vicente de Carvalho, a uns 20 minutos daqui de Morrinhos. Pelo menos os relatos que chegam são esses. Lá os caras chegam, atiram e vão embora. E às vezes eles passam disfarçados também. Na comunidade da Prainha passou um carro à paisana atirando, nem era viatura. Em vários grupos de WhatsApp que eu tô mandaram isso, postaram foto e mandaram áudios relatando essa situação aí. Eu costumo dizer que eu me sinto mais seguro sem a polícia aqui [...]”

Esses relatos destacam a complexidade da violência sublinhando que ela está fundamentalmente ligada às relações sociais na comunidade. A ideia de que a violência possui origens e impactos controversos sugere que não há uma única explicação ou solução para o problema. Essa perspectiva ressalta a necessidade de uma análise aprofundada dos fatores que contribuem para a violência, incluindo

contextos sociais, econômicos e culturais. Esses dados são importantes para colocarmos em diálogo com a revisão teórica sobre linchamento, que será apresentada no próximo item. Os dados sobre a precariedade em Guarujá/Morrinhos refletem uma conexão com a revisão teórica sobre linchamento, pois evidenciam como a exclusão social e a marginalização de comunidades vulneráveis podem desencadear respostas violentas diante da injustiça social.

2.2 REVISÃO TEÓRICA SOBRE LINCHAMENTO

O escritor e sociólogo brasileiro José de Souza Martins é também um pesquisador sobre linchamentos no Brasil. Em 2015 lançou um livro chamado *Linchamentos: A justiça popular no Brasil*. O sociólogo posiciona o linchamento com relação aos efeitos da modernização do país e sua divergência com modelos e valores tradicionais da sociedade brasileira. Segundo ele, o mais antigo linchamento conhecido no Brasil é de 1585 (BA). Houve também a guerra dos Emboabas no século XVIII, que começa com um linchamento, e, depois, já no século XIX, com a aproximação da abolição da escravatura, há vários linchamentos motivados pela resistência à abolição (Martins, 2015).

Conforme Martins (2015) nos recupera, a palavra linchamento deriva do nome de um juiz do oeste americano William Lynch, que adotou a prática de humilhação pública dos presos por certos delitos. Não se tratava de assassinato, mas sim de humilhação, como, por exemplo, sair desfilando pelas ruas com folhas pelo corpo, na intenção de humilhar o indivíduo e fazer com que ele não voltasse a cometer aqueles pequenos delitos. Depois, esse ato evoluiu para atirar pedras e dar pauladas na pessoa alvo do linchamento .

Em trabalhos anteriores (Martins, 1996) o pesquisador apontou dois perfis de ação distintos.

Enquanto os linchamentos das periferias urbanas seriam tipicamente praticados por trabalhadores pobres, tendo como principais motivações o desejo de justiça diante da ocorrência de um crime grave, aqueles mais comuns em cidades pequenas teriam a participação da classe média e a aberta contestação às instituições judiciárias e policiais, com motivação conservadora e repressiva, “uma visão claramente antiliberal e anti-iluminista do conflito criminal (Martins, 1996, p. 7-9).

A partir dos dados coletados e apresentados no item anterior sobre a realidade de Morrinhos, fica evidente como o bairro se encaixa no perfil de uma

comunidade em que os moradores se sentem desamparados, com uma grande falta do Estado para ajudar na situação do bairro, o que os levaria, assim, a fazerem justiça com as próprias mãos e colocarem ordem onde vivem.

São raros os casos de linchamentos que são levados até os tribunais de justiça e para isso há duas possíveis respostas. A primeira seria a mais óbvia que é por conta dos linchamentos serem feitos por multidões, sendo mais difícil identificar os participantes para dar prosseguimento ao julgamento; e a segunda possível resposta seria a de que as próprias autoridades públicas e a comunidade não querem ver os linchadores presos, pois, para eles, essas práticas seriam necessárias (Sinhoretto, 2009).

Conforme discutido por José Martins (2015), no Brasil a cultura do linchamento inicia depois dos anos 1940, quando começa um certo número de ocorrências de linchamento (não com a mesma intensidade atual), e a cultura do linchamento cresce com mais intensidade no fim da ditadura militar. Ele demarca dois episódios que dão início ao linchamento e ambos são demarcados pelo autoritarismo na sociedade brasileira.

Os linchamentos têm como inspiração o esquadrão da morte. O Esquadrão da Morte refere-se a grupos paramilitares ou de extermínio que operaram em vários países, especialmente na América Latina, durante as décadas de 1960 a 1980. Esses grupos eram frequentemente associados a regimes militares e governos autoritários, utilizando táticas de violência e intimidação para reprimir opositores políticos e movimentos sociais. O esquadrão realizava sequestros, torturas e assassinatos. Essa percepção leva as pessoas a acreditarem que, para certos crimes, não existem direitos, incentivando a violência do linchamento (Martins, 2015).

O linchamento cria a ordem onde a ordem não existe, mas cria uma ordem patológica que é linchar. Onde a população acha que não há lei e ordem, ela lincha. O caso de Fabiane foi, de certo modo, excepcional. Nas palavras de Martins, para uma entrevista ao programa Linha Direta (12.03.2023) ele diz :

A tendência no Brasil é do linchamento comunitário formado por pequenos grupos e é raro ter linchamento com mais de 200 pessoas e que em 20min o linchamento é liquidado. Fabiane foi violentada por horas e por mais de 200 pessoas. O índice de crueldade do linchamento de Fabiane Maria de Jesus foi enorme e englobou todos os passos de um linchamento: correram atrás, atiraram pedras, deram pauladas e foi até o limite, quando queriam

queimá-la viva e só não conseguiram porque havia um colchão molhado embaixo da Fabiane.

Esse caso deve ser amplamente divulgado, pois revela a presença de todos os elementos que podem levar a um linchamento extremo na sociedade brasileira.

Como vimos na Introdução, no caso do linchamento de Fabiane Maria de Jesus, as redes sociais e a disseminação de notícias falsas foram cruciais para que o ato de violência acontecesse, o que torna também esse tema algo relevante para discutir tal caso, de modo que na seção a seguir, discutiremos aspectos do mundo digital e o fenômeno das *fake news*.

2.3 MUNDO DIGITAL E *FAKE NEWS*

As redes sociais começaram a se popularizar nos anos 2000, com plataformas como *MySpace* e *LinkedIn*. Em 2004, com o lançamento do *Facebook*, e depois do *Twitter*, o cenário digital se expandiu rapidamente, dando origem a uma variedade de outras plataformas. Com a chegada das redes sociais, a comunicação evoluiu, complementando os meios tradicionais como televisão, telefone e rádio. Essas novas ferramentas permitiram que as pessoas compartilhassem facilmente fotos, documentos e gravações de áudio com indivíduos em todo o mundo, tornando as interações muito mais dinâmicas e instantâneas (Forster, *et al.* 2021). Uma pesquisa sobre o acesso à internet feita em 2023 pela TIC Domicílios², do Centro Regional de Estudos para Desenvolvimento da Sociedade da Informação, aponta que, em 2023, 84% da população no Brasil tiveram acesso à internet.

Behs (2017) explica que os fenômenos midiáticos permeiam de forma crescente as esferas do tecido social, dando forma a um “bios midiáticos” que se refere a como a mídia afeta o comportamento das pessoas e como as narrativas midiáticas constroem e refletem aspectos da vida social. A frase “bios midiáticos” pode se referir também a como as práticas e as vidas dos próprios agentes midiáticos (jornalistas, apresentadores ou influenciadores) são moldadas pela sua interação com os meios de comunicação.

² Classes C e D impulsionam crescimento da conectividade à Internet nos lares brasileiros, mostra TIC Domicílios 2023. Cetic.br. Disponível em: [Cetic.br - Classes C e DE impulsionam crescimento da conectividade à Internet nos lares brasileiros, mostra TIC Domicílios 2023](https://www.cetic.br/pt-br/relatorios/tic-domicilios-2023). Acesso em: 06/10/2024.

É importante perceber como a circulação de informações no mundo digital, principalmente em casos como o de Fabiane, se alinha com o conceito de “bios midiáticos”. A disseminação das falsas notícias neste caso revela o poder da mídia em anunciar mensagens instantâneas. Os “bios midiáticos” revelam que os agentes que produzem as narrativas no mundo digital estão imersos numa bolha de velocidade e impacto dessas narrativas. O linchamento de Fabiane é um grande exemplo de como essas narrativas, expostas sem veracidade, podem resultar em ações perigosas.

Na página do Facebook “Guarujá Alerta”, página responsabilizada pela divulgação do boato, a palavra circulava livremente, sem qualquer forma de moderação ou restrição. Os múltiplos saberes circulavam de forma descentralizada e “sem hierarquias, explicitando a realização tecnológica do intertexto possibilitada pela internet” (Behs, 2017, p. 4). A página noticiou o caso envolvendo a suposta Bruxa do Guarujá, mas o caso acabou envolvendo muitas pessoas com pontos de vista diferentes. Na opinião de Behs (2017), isso fez com que a história fosse entendida de várias maneiras diferentes gerando distintas interpretações, assim, o fluxo de informações ficou confuso.

As *fakes news*, termo em inglês que é usado para referir-se a falsas informações divulgadas em ciberespaço, surgem então a partir do momento em que uma notícia sem um embasamento verdadeiro é propagada. No documentário original da Netflix “O dilema das redes sociais” produzido por Jeff Orlowski, o ex-diretor executivo Randima Fernando, da Mindful Schools, faz um comentário interessante de que “o mundo está mudando da era da informação para a era da desinformação e que nós nos afastamos de um ambiente de tecnologia baseado em ferramentas para um ambiente de tecnologia viciante e manipuladora”.

Atualmente as *fakes news* vêm ganhando cada vez mais força dentro das redes sociais. No Brasil se tornaram mais presentes a partir das eleições presidenciais de 2018 e até atualmente é possível notar as consequências dessas *fake news*. A tecnologia transformou radicalmente a maneira como informações, sejam elas verdadeiras ou falsas, são compartilhadas. Com a internet, as redes sociais e os aplicativos de mensagens, conteúdos podem ser espalhados rapidamente, em grande escala e muitas vezes de forma anônima. Essa facilidade de criação e compartilhamento, junto com o acesso amplo à tecnologia, fez do

ambiente digital um espaço central para a política atual, onde a desinformação pode se espalhar com a mesma rapidez que as notícias verdadeiras (Forster, *et al.* 2021).

A escalada das *fake news* não se deve apenas ao avanço tecnológico, mas também a uma série de fatores que contribuem para a proliferação de informações falsas. A ausência de políticas e normas claras no setor de tecnologia da informação permite que práticas prejudiciais prosperem. Hoje, existe uma verdadeira indústria dedicada à criação e distribuição de conteúdos caluniosos e inverídicos, que são oferecidos por empresas especializadas. Esses serviços podem ser contratados nas plataformas sociais, permitindo que diversos grupos, desde políticos até empresas, utilizem informações falsas para moldar narrativas e promover suas agendas. Esse ecossistema gera lucro tanto para os produtores de *fake news* quanto para os intermediários, tornando o problema ainda mais complicado (Forster, *et al.* 2021).

A disseminação de *fake news* nas redes sociais no caso da Fabiane foi muito rápida e de forma descontrolada. Essa rapidez com que as informações circulam no mundo digital, somada à falta de checagem das informações, é um fator principal do aumento da violência gerada pelas *fake news*. Atualmente a sociedade vive sempre conectada e impulsionada pelo imediatismo, e isso resulta na falta de vontade de conferir a veracidade das informações e se prefere agir antes mesmo de dar uma chance para buscar a verdade.

Na próxima seção serão apresentados quatro artigos com quatro perspectivas diferentes sobre o linchamento da Fabiane Maria de Jesus. A importância das mídias sociais no caso de Fabiane foi tanta que uma boa parte dos trabalhos realizados se preocupa justamente com este aspecto.

2.4 LINCHAMENTO DE FABIANE MARIA DE JESUS: UMA ANÁLISE SOB DIFERENTES PERSPECTIVAS

Neste quarto item serão apresentados quatro trabalhos acadêmicos já realizados sobre o caso de Fabiane. Trata-se de trabalhos de diferentes áreas, sendo elas: jornalismo, sociologia, saúde e boatos na era das redes sociais digitais.

O primeiro trabalho que revisamos pertence à área do jornalismo, realizado por Micael Vier Behs com o título "Regulações e disrupções entre boatos e notícias: percursos metodológicos em torno do caso da Bruxa de Guarujá". Nesta pesquisa o autor apresenta percursos metodológicos "que sustentam a construção de uma

investigação centrada nos processos sócio-midiáticos que colocam em relação atores sociais, instituições e o campo jornalístico” (Behs, 2017, p. 1).

O autor observou essas interações para construir o caso acadêmico em torno da “Bruxa de Guarujá”. O ponto de partida da percepção de Behs é que a morte de Fabiane foi “capturada midiaticamente por receptores convertidos em co-produtores midiáticos” (Behs, 2017, p.1) e, para isso, o autor usa como fonte os dados registrados da história de Fabiane nos sites Wikipédia e Folha.com.

O site Folha.com resgata a palavra de colunistas e especialistas para explicar ao leitor o motivo do linchamento. Segundo o autor, ao ser midiaticizado nos meios de comunicação esse tipo de acontecimento, a mídia tenta transformar esse evento, complexo e de várias interpretações diferentes, em algo mais objetivo e organizado, tentando eliminar as contradições (Behs,2017). Então então traçou uma metodologia e o seu campo de observação permitiu inicialmente destacar a existência de dois casos: um deles circunscrito à página no Facebook e, outro, ao site jornalístico Folha.com. O terceiro espaço a ser pensado pelo pesquisador foi o dos comentários deixados nos sites e na página do Facebook.

O caso da Bruxa do Guarujá : “permitiu vislumbrar um cenário de interações midiáticas complexas, acionado por defasagens, marcado pela constante transferência de informações e competências técnicas” (Behs, 2017, p. 3)

O autor conclui que numa sociedade marcada pela superabundância e pela descentralização do poder de circulação de mensagens, o campo jornalístico redefine suas lógicas processuais, e passa a trabalhar elementos informativos já materializados em rede. Esses materiais constituem insumo importante para sustentar a narrativa jornalística, não descartando a relevância de operações caras à profissão como pesquisa, checagem e entrevistas (Behs, 2017).

Outro olhar sobre o caso da Fabiane é apresentado a partir da área da saúde. Escrito pelos autores Denise Martins e Felipe Miranda Leal apresenta uma análise do contexto sociocultural relacionado ao linchamento de uma mulher com transtorno mental.

Os autores relatam que o episódio ganhou importante atenção da imprensa nacional, sendo destacado – em parte relevante das reportagens – que a jovem espancada e morta era bastante conhecida na comunidade e fazia tratamento para uma doença psiquiátrica que desencadeia crises nas quais ela “perdia a noção de realidade” (Leal e Martin, 2019, p.1).

Nas entrevistas realizadas com os moradores do bairro, no início, as perguntas eram sobre a situação de desigualdade econômica do bairro e sobre a função de “ser cuidador de doente mental”. O assunto “linchamento em Morrinhos” surgiu sem a necessidade de ativamente ser elencado; em geral, o episódio despontava quando se conversava sobre violência.

Via de regra, na fala dos participantes entrevistados, houve uma tentativa de reconstruir a sequência dos fatos que levaram ao linchamento, mas cabe assinalar que isso, sem exceção, somente era possível à medida que o estado emocional de cada entrevistado permitisse. Falar sobre esse episódio foi, em todas as entrevistas, muito difícil, fosse pela dor da tragédia, fosse também por um contido sentimento de vergonha (Leal e Martin, 2019, p. 8).

Os autores perceberam que os relatos reunidos neste trabalho de pesquisa eram semelhantes ao que foi reportado pela imprensa na época. Sendo assim, fica o questionamento sobre a possibilidade dos conteúdos dessas falas serem uma replicação das matérias publicadas, já que o caso teve uma grande repercussão nas mídias sociais e também em vista de um grande sentimento de vergonha que a população de Morrinhos carrega desde o acontecimento.

Os autores concluíram que a análise do material permitiu verificar a presença e o impacto de diferentes formas de violência em Morrinhos, de modo que, considerando a quase ausência de instituições que representam o Estado no local, elas se entrelaçam, constituindo um fenômeno diretamente relacionado aos conflitos cotidianos e as disputas sociais de toda espécie existentes no bairro (Leal & Martin, 2019, p. 10).

O terceiro trabalho analisado sobre o caso de Morrinhos foi o artigo “O boato na era das redes sociais digitais: uma análise do caso Guarujá”, escrito por Danton José Boatini Júnior. Esta pesquisa foi feita com base na sociologia compreensiva, o que envolveu entrevistas com moradores do bairro onde aconteceu o linchamento. Boatini Júnior utilizou as próprias redes sociais digitais, devido à superação de barreiras geográficas e à possibilidade de anexar arquivos (áudio, vídeo, fotografia, etc.) a uma mensagem, como características investigativas para sua pesquisa.

Na era em que o real e o virtual se misturam, as redes sociais digitais são fundamentais para moldar o imaginário atual. Com a popularização de dispositivos móveis, essas ferramentas impactaram nossa comunicação de maneira ainda pouco compreendida, especialmente com o surgimento constante de novas tecnologias (Boatini Júnior, 2017).

Com o surgimento das redes sociais, os boatos que circulam na internet ganham um nível de confiança mais alto do que apenas o contado oralmente e isso provavelmente acontece porque os boatos repassados na internet geralmente vêm acompanhados de imagens, áudios ou até mesmo vídeos, que parecem tornar os relatos mais convincentes (Boatini Júnior, 2017).

O autor termina seu artigo dizendo que mesmo que não possamos afirmar que a internet contribui com o aumento dos boatos, ela fornece uma forma melhor de saber sobre o assunto. As informações compartilhadas podem ser facilmente acessadas, como se estivessemos lendo um jornal (Boatini Júnior, 2017). Os boatos não são necessariamente invenções, mas sim informações não verificadas que circulam sem provas. A crença no boato depende do receptor e de fatores como a credibilidade da fonte e a plausibilidade da história. Independentemente de serem verdadeiros ou falsos, os boatos podem ter consequências significativas e imprevisíveis (Boatini Júnior, 2017).

Por fim, no quarto e último trabalho que revisamos, já realizado sobre o caso de Fabiane, o linchamento ocorrido no Guarujá-Sp (2014) é analisado por José Welhinjton Cavalcante Rodrigues sob uma perspectiva sociológica. Seu ensaio teve como objetivo “compreender a prática do linchamento como uma manifestação de determinado grupo, movido por uma revolta, dentro de um meio cultural que determina sua razão de ser, lhe expõe um sentido e uma forma de funcionar” (Rodrigues, 2016, p. 1).

Quanto à metodologia adotada por Rodrigues (2016), foi realizada uma reinterpretção da trajetória histórica da percepção sobre linchamento. Em seguida, é apresentado um panorama das características essenciais desse fenômeno coletivo violento, visando identificar um possível perfil tanto das vítimas quanto dos agressores. Por fim, o autor investiga como a mídia tem impactado a disseminação da violência no Brasil. Por fim, fazer uma análise do caso do linchamento de Fabiane.

Ao longo das décadas do século XIX no Brasil, homens negros eram linchados por desafiar a elite branca, enquanto brancos podiam ser punidos por defender negros. Os negros não podiam ocupar espaços da elite, e eram linchados ao agirem contra brancos, enquanto brancos não sofriam consequências ao agir contra negros. Atualmente, embora não se linche um negro apenas por sua cor, estudos mostram que a tendência de linchar um negro ainda é maior do que a de

linchar um branco que comete o mesmo crime (Martins,1996, *apud* Rodrigues, 2016, p. 4).

Rodrigues (2016) relata alguns traços comuns de linchadores. O primeiro é o sentimento de poder excessivo, pois há uma percepção de que as instituições responsáveis pela justiça, como o Judiciário e a Polícia, não punem quem comete crimes. O segundo traço vem do contágio emocional, através do qual as pessoas sentem uma identidade comum e acreditam que estão lutando por uma causa justa e moral (Rios,1988, *apud* Rodrigues, 2016, p.7). Já o terceiro traço é a sugestibilidade, que levanta questões sobre quem instiga a ação, já que é difícil identificar os responsáveis, pois a ação acontece de forma rápida e unânime (Le Bon, 1905, *apud* Rodrigues, 2016, p. 7). A violência muitas vezes surge de uma construção midiática enganosa, alimentada por boatos e crenças que podem ser distorcidas, ignorando a verdade (Rios, 1988, *apud* Rodrigues, 2016, p. 10).

Segundo Rodrigues (2016), a banalização dos linchamentos está inserida em uma cultura de extermínio, amplamente debatida e abordada pela mídia, que se relaciona com a ideia de vingança pessoal. Isso acaba retirando do Estado a sua responsabilidade de enfrentar o crime. As redes sociais, apesar de facilitarem a disseminação de informações, nem sempre contribuem de maneira positiva; a violência se tornou um assunto comum nos meios de comunicação, alimentando uma mentalidade opressiva entre as pessoas (Rodrigues, 2016).

O autor conclui que, atualmente, o linchamento é visto como uma forma de revolta popular que surge em comunidades instáveis, visando expulsar aqueles que violam normas sociais. Essa prática acontece quando a população, insatisfeita com a resposta das autoridades judiciais e policiais, busca uma justiça direta e sem mediação, desconsiderando os princípios da justiça formal. Assim, o linchamento reflete uma justiça popular com caráter anti-judiciário, evidenciando a ausência de um julgador imparcial e uma compreensão mais ampla do que é justiça. No Brasil, essa realidade é acentuada pela desigualdade social e pela violação dos direitos humanos, levando à naturalização da violência. Portanto, o linchamento ilustra o descompasso entre as expectativas da população em relação à punição e a resposta das instituições de justiça. É crucial, portanto, implementar políticas públicas de justiça e segurança que promovam uma relação mais harmoniosa entre as instituições e a comunidade, garantindo respostas rápidas e justas aos conflitos.

Conforme as quatro revisões feitas sobre o caso da Fabiane, nenhum deles abordou as questões de gênero e racismo religioso que podem ter contribuído para a construção dos significados compartilhados entre os moradores de Morrinhos para que o linchamento ocorresse. O item a seguir será, então, uma análise feita sob este viés.

2.5 ANÁLISE DO LINCHAMENTO DE MORRINHOS: QUESTÕES DE GÊNERO E RACISMO RELIGIOSO



Agencia Estado. Retrato falado da suposta sequestradora de crianças. 2014. Disponível em : [Retrato falado atribuído a mulher linchada foi feito há 2 anos \(hojeemdia.com.br\)](#). Acesso em : 27/09/2024.



Novo Momento. Foto de Fabiane Maria de Jesus.2014. Disponível em : [Retrato falado que levou à morte de mulher era antigo - Novo Momento](#). Acesso em : 27/09/2024.

As imagens acima mostram o retrato falado da suposta bruxa sequestradora de crianças que realizava rituais de magia negra e logo em seguida há uma imagem da Fabiane Maria de Jesus, mulher que foi confundida com a suposta bruxa e é assassinada violentamente. Comparando-as, é nítida a diferença entre o retrato

falado e a foto de Fabiane, com relação aos traços físicos. Em diversos meios de comunicação e até trabalhos acadêmicos encontramos a informação de que a suposta sequestradora de crianças estaria realizando o sequestro para fazer rituais de “magia negra” (a seguir, discutiremos os significados que essa expressão envolve. Os trechos a seguir (com grifos meus) são exemplos, dentre vários outros, de um post em rede social e de uma postagem em um portal de notícias, que enquadraram Fabiane nas redes como uma praticante de magia negra.

*“Uma suposta bruxa sequestradora de crianças que realizava **“rituais de magia negra”** (Leal e Martin, p.1, 2019).”*

*“A mulher do retrato falado acima é uma criminosa que tentou sequestrar uma criança em uma creche em Pontal do Paraná. Segundo informações, essa moça sequestra crianças para praticar **magia negra** e está sendo procurada pela polícia por ser acusada de sequestrar mais de 30 crianças” (Pontal de Notícias apud Marques e Silva, 2020, p. 8).*

Conforme recuperamos na Introdução, no dia do linchamento, Fabiane havia saído para buscar a sua bíblia na igreja, que mais tarde foi usada para reforçar a idéia de que ela seria a suposta sequestradora carregando um livro que foi tido como “a bíblia de magia negra”, conforme trecho a seguir:

“A segunda coincidência fatal da história de Fabiane Maria de Jesus foi a bíblia, a bíblia de Fabiane tinha uma capa diferente das tradicionais e que mais tarde o livro sagrado foi confundido com um livro de rituais de magia negra” (Linha Direta, 15/06/2023).

O caso do linchamento de Fabiane remete tanto à origem do termo “magia negra” quanto à construção da representação histórica da mulher como bruxa, como veremos. Na Europa, as mulheres eram frequentemente associadas à magia branca. Muitas eram curandeiras que se dedicavam a entender os poderes benéficos das plantas para tratar as pessoas (Andorinha, 2022, p. 61). Quando algo ruim acontecia na comunidade, era comum acusar as mulheres de praticarem “magia negra”, manipulando forças malignas, invocando demônios e lançando o mau-olhado para causar catástrofes e doenças a quem desejavam prejudicar (Villari, 1995, *apud* Andorinha, 2022, p. 61). Vemos que o termo “magia negra” carrega uma carga histórica e cultural significativa, sempre associado a práticas consideradas malignas ou perigosas. Sua origem remonta à Idade Média, quando a igreja Católica rotulou práticas não cristãs como “negras”, em oposição à “magia branca”, que era vista

como uma magia boa pois era usada para fins medicinais. Essa distinção invalidou o reconhecimento de várias tradições ou práticas espirituais (Andorinha, 2022).

A associação de magia negra com o mal contribuiu para a demonização de muitas culturas e suas práticas religiosas, ocorrendo assim um apagamento de saberes ancestrais. Além disso, o uso do termo ignora a diversidade cultural e as realidades que envolvem as práticas tidas como “negras”. Em muitas tradições africanas e afro-brasileiras, por exemplo, os rituais são profundamente enraizados em visões de mundo que não se encaixam nas categorias de “bom” ou “mau” (Denardi e Fernandes, 2022). Segundo Denardi e Fernandes (2022), durante o processo de interação social, diferentes ideologias e formas de pensar entram em conflito. No contexto do racismo religioso esses conflitos podem piorar a ponto de gerar um desejo violento de eliminar ou silenciar culturas e identidades associadas à África.

O racismo religioso contra as religiões de matriz africana está atrelado, desse modo, com o preconceito racial, sendo que ambos podem ser expressos verbalmente e/ou fisicamente. Desde uma perspectiva histórica, “todas as narrativas preconceituosas e que demonizaram as tradições de matriz africana se fortaleceram no momento em que os africanos e adeptos do candomblé passaram a exercer suas práticas no Brasil” (Denardi e Fernandes, 2022, p. 16). Buscando formas de manter vivas suas culturas religiosas, os africanos “usaram da resistência e do sincretismo, por meio da adoração de imagens católicas, com o intuito de manter vivas a fé e a tradição” (Denardi e Fernandes, 2022, p. 16). Desse modo, ao reconhecer que as comunidades tradicionais de terreiro mantêm os conhecimentos e tradições ancestrais negras, fica explícito que as agressões às religiões africanas e as tentativas de silenciar essas comunidades estão ligadas à história do racismo (Denardi e Fernandes, 2022, p.16).

Diariamente, as práticas das religiões de matrizes africanas, são alvos de representações negativas, como feitiçaria e demonização. Isso é um reflexo do preconceito herdado do período colonial e escravista, quando essas religiões eram reprimidas e proibidas. Um fator central na constituição desse racismo é a influência do cristianismo, que historicamente contribuiu para a demonização das práticas afro-religiosas, uma vez que essas religiões são vistas como opostas ao cristianismo, sendo rotuladas como “diabólicas” (Denardi e Fernandes, 2022). No

caso de Fabiane, vemos como toda essa construção ideológica ajudou a produzir a representação da “mulher praticante de magia negra”, que levou os moradores do bairro ao ponto de matá-la.

Desde a época da colonização e da escravidão, os materiais e tudo aquilo encontrado nos terreiros, desde uma leitura racista, era classificado como magia e feitiçaria. Assim, conseguimos ver que a expressão “magia negra” foi dirigida a “magia de negros” no Brasil (Serra, 2011, *apud* Mota, 2018).

Embora a Constituição de 1891 tenha apontado o fim do regime do padroado, a separação entre religião e Estado, e alguns autores como Patrícia Birman, Giumbelli (2008), Paula Montero, comentem que nesse documento começamos a tratar da questão da liberdade religiosa, nada mudou para as religiões de matrizes africanas, porque não tinham sido reconhecidas como religião, o que seguia excluindo e alijando-as da vida social e do que se pretendia enquanto Brasil (Mota, 2018, p. 8).

Apesar dos debates e das mudanças na legislação, a Igreja Católica manteve seu poder como base moral na sociedade brasileira. O catolicismo era visto como essencial à identidade nacional, enquanto outras religiões eram consideradas secundárias. Hoje, embora o Brasil promova um Estado secular e o pluralismo religioso, ainda persiste a ideia de que algumas religiões seriam menos compatíveis com a modernidade, a racionalidade e a democracia do que o cristianismo (Mota, 2018). Viver em sociedade significa lidar com a linguagem, que segue padrões que revelam uma estrutura hierárquica. Nessa estrutura, a cultura negra frequentemente é colocada em uma posição inferior e negativa através de conteúdos e rótulos desfavoráveis. Assim, a linguagem, com suas várias funções, mostra que a mente humana é como um dicionário, cheia de palavras que podem criar novos significados ou espalhar interpretações negativas, dependendo das relações sociais (Denardi e Fernandes, 2022). Portanto, o termo “magia negra” envolve não apenas ao seu uso pejorativo, mas também uma reflexão sobre a forma como entendemos e respeitamos as diferentes tradições culturais. O caso do linchamento de Fabiane, mostra como o racismo religioso é uma das manifestações que molda as relações sociais em sociedades com históricos coloniais, como no Brasil. Historicamente, e mesmo antes da empresa colonial e imperialista, a magia negra foi frequentemente utilizada como um instrumento de controle social e religioso dentro da própria Europa. Acusações de práticas tidas como malignas levaram a perseguições, como as caças às bruxas, que tinham como objetivo eliminar aquilo que era considerado

uma ameaça à ordem estabelecida pela Igreja Católica. Na Idade Média, as crenças e as imagens que povoavam a mente das pessoas moldam suas percepções do mundo. Essa afirmação é crucial para entender a crença na bruxaria. A afirmação sobre o imaginário como realidade na Idade Média indica que o imaginário sempre molda a realidade, mesmo que hoje tenhamos mais capacidade de reflexão crítica. No entanto, muitas vezes, não percebemos o quanto nossa realidade é influenciada por ficções e estereótipos. Com o tempo, conseguimos questionar suposições antes inquestionáveis, permitindo uma análise mais crítica das crenças que afetam nossas experiências (Pastoureau, 2004, *apud* Chiovatto, 2022, p. 23-24). No caso que estamos analisando, a representação de Fabiane como bruxa e representação do mal, ligado ao gênero feminino, foi outro elemento de peso para o desfecho alcançado. Na Europa entre os séculos XV e XVIII, as caças às bruxas eram fortemente reforçadas, levando à execução de muitas pessoas (principalmente mulheres) acusadas de praticar magia negra. Essa ação tinha como maior motivo manter o controle social. A Inquisição usava o argumento dessa acusação de magia negra como uma ferramenta para silenciar os opositores e fortalecer o poder da Igreja. A relação da magia com forças malignas é uma constante na história, e vinculá-la ao feminino parece lógico em sociedades onde as mulheres são tratadas como inferiores. Quando a magia não é vista de forma negativa, ela geralmente não é relacionada ao feminino. Na maioria das vezes, quando alguma forma de magia é aceita, como nas religiões oficiais, ela é exercida por homens, reforçando a exclusão das mulheres desse campo (Chiovatto, 2022, p. 28). É um sinal de misoginia em uma cultura associar práticas de poder não oficiais ou criminalizadas às classes desfavorecidas, onde as mulheres costumam estar incluídas. Da mesma forma, a hierarquização entre os gêneros, mesmo nas magias proibidas, também reflete essa misoginia (Chiovatto, 2022, p. 29).

Desde suas origens, a bruxaria é vista como algo diferente, um inimigo e um bode expiatório. O discurso que a condena vem de pessoas dentro de estruturas religiosas ou políticas, que buscam reprimi-la com tanta intensidade que revela a difusão das práticas. O estereótipo atual é resultado de uma construção antiga, originada do choque entre culturas e crises internas, além da misoginia profundamente enraizada nesses imaginários (Chiovatto, 2022, p. 30 e 31).

A bruxaria era muitas vezes associada a mulheres que obtinham conhecimentos considerados “perigosos”, como práticas de cura e conhecimento ancestral. Essas mulheres, que eram chamadas de “curandeiras”, frequentemente cuidavam de crianças doentes e se acreditava que era esse o momento em que elas usavam a alimentação para praticar a magia. Esse momento se passa também no caso de Fabiane: o estopim para começar o seu linchamento foi exatamente quando ela ofereceu uma fruta para uma criança do bairro. As curandeiras na Idade Média europeia ora eram respeitadas, ora eram vistas como inimigas. Quando surgiam crises sociais, doenças, colheitas fracassadas ou até desastres naturais, as mesmas que eram chamadas de “curandeiras” passam a ser culpadas dos tais acontecimentos e vistas como “bruxas”. A noção de bode expiatório (Chiovatto, 2022) é fundamental para entender essa dinâmica. Quando acontecia algo na sociedade (como citado anteriormente) era comum que um grupo fosse escolhido para absorver o ódio coletivo e a culpa. Essa busca por um culpado permitia que a sociedade projetasse seu ódio em uma figura de fácil identificação e marginalização. A figura da bruxa não era apenas uma representação de práticas maléficas, mas sim um reflexo da opressão das mulheres. Na maioria das vezes as mulheres consideradas bruxas eram aquelas que iam contra as regras da Igreja, viúvas, solteiras, ou aquelas que tinham sua independência. Ter essas características em uma sociedade em que a mulher precisava ser submissa, tornava-as alvo das acusações de bruxaria. A caça às bruxas era uma ferramenta de controle social, afirmando sempre a ideia de que a mulher precisaria ocupar um local de submissão em relação aos homens (Andorinha, 2008). Andorinha (2008) explica que a figura da "bruxa" era vista como enigmática e marginalizada, mas frequentemente buscada pela comunidade em situações de necessidade, como doenças ou problemas amorosos. Ela combinava conhecimentos práticos de curandeiras e parteiras com práticas de magia antiga, como feitiços e rituais. Sua habilidade de comunicar-se de forma persuasiva a tornava uma líder carismática, capaz de mobilizar pessoas em busca de poder ou vingança. Em contraste, a "santa" representava o ideal de mulher pura e virtuosa, alcançado apenas por aquelas que se dedicavam a atos de martírio ou levavam vidas supostamente exemplares e generosas. Enquanto a bruxa era vista com temor e desprezo, a santa era admirada e reverenciada, refletindo as tensões entre o feminino sagrado e profano na sociedade (Andorinha, 2008). Essa dualidade reflete na dinâmica de controle e opressão que moldou a vida das

mulheres. Em contraste com a visão de uma mulher bruxa (já apresentada acima), a mulher considerada santa representava um ideal de pureza, devoção e submissão. As santas são exaltadas por suas virtudes e boa fé, que se alinham com as expectativas sociais. A mulher santa é vista como um modelo a ser seguido na sociedade. A figura da santa representa um ideal feminino que se alinha perfeitamente com as expectativas sociais, exaltando virtudes como a pureza, a bondade e a fé. Essa imagem da mulher santa é frequentemente celebrada como um modelo a ser seguido, reforçando normas que valorizam a submissão e a devoção. Ao ser vista como um exemplo de comportamento adequado, a mulher santa se torna um símbolo das qualidades desejadas em uma figura feminina, contrastando com a bruxa, que desafia essas convenções. Enquanto as santas são admiradas por suas virtudes, a bruxa é demonizada por sua independência e sabedoria, refletindo a tensão entre poder feminino e normas patriarcais. Assim, a representação da santa serve para consolidar ideais que limitam a expressão do potencial feminino, perpetuando uma visão restritiva do papel da mulher na sociedade. A imagem da bruxa é um símbolo poderoso que representa o conflito entre o poder feminino e as normas patriarcais. Historicamente, muitas mulheres bruxas foram frequentemente associadas à sabedoria, à cura e à autonomia feminina, desafiando as expectativas sociais impostas pelos homens. Nos períodos de Inquisição, as mulheres identificadas como bruxas foram perseguidas e punidas severamente. Isso reflete o medo do poder feminino, visto como uma ameaça ao controle patriarcal. Na literatura e na mídia, as bruxas são frequentemente retratadas como figuras ambivalentes por um lado, perigosas e malignas, por outro, empoderadas e independentes. Dessa forma, a figura da bruxa sintetiza uma luta histórica e persistente contra as normas patriarcais, representando tanto a opressão enfrentada pelas mulheres quanto a sua resiliência e resistência.

A construção dessas representações também remete à perspectiva discursiva de Bakhtin/Voloshinov (Voloshinov, 2018), que entende que os discursos moldam as interações sociais e influenciam as construções de significados.

As vozes sociais, pela boca dos falantes, vivem em múltiplos e contínuos contatos que constituem uma imensa teia dialógica a que Bakhtin dá o nome de heteroglossia dialogizada. Nela as vozes sociais se interiluminam, se interpenetram, se apoiam mutuamente, entram em conflito, se contradizem, se rejeitam total ou parcialmente. É esse tenso embate

dialógico que dá dinamicidade à língua enquanto realidade social vivida (Faraco, 2006, p.4).

As vozes sociais, que representam diferentes perspectivas e experiências dentro de uma comunidade, interagem constantemente através da fala das pessoas. Essa interação forma o que Bakhtin chama de "heteroglossia dialogizada", que é uma rede complexa de diálogos entre essas vozes. Dentro dessa teia, as vozes se conectam e se influenciam mutuamente. Elas podem apoiar umas às outras, mas também podem entrar em conflito e se contradizer, gerando tensões. Esse embate entre diferentes opiniões e valores é o que torna a linguagem viva e dinâmica. Em vez de ser uma simples troca de palavras, a comunicação se transforma em um processo rico e multifacetado, refletindo a realidade social complexa em que vivemos. Assim, a língua não é apenas um meio de comunicação, mas um espaço onde diferentes significados e interpretações estão sempre em jogo, moldando a forma como entendemos o mundo e interagimos com ele. O discurso produz efeitos de sentido e pode convencer sujeitos à ação. Se existe um enunciado, ele pode servir ou para reforçar dogmas pré-existentes, como a ideia de uma bruxa que precisa ser caçada, ou para tentar quebrar essas concepções. Uma opção exclui a outra (Marques e Silva, 2020, p. 3).

A dualidade entre a bruxa e a santa se encaixa na heteroglossia dialogizada de Bakhtin. O pensador destaca que as vozes interagem e se conectam em um espaço de contínuo diálogo. A bruxa e a santa não representam apenas figuras opostas, mas representam também vozes que se conectam e se contradizem. As vozes a favor da mulher santa se juntam e apoiam os valores tidos como tradicionais na sociedade patriarcal, diferente da mulher lida como bruxa, que demonstra uma voz de resistência, desafiando essas normas do patriarcado, a figura da bruxa muitas vezes se torna um bode expiatório, sendo demonizada e culpada por males sociais, como doenças e desastres. Essa demonização é uma estratégia do patriarcado para manter o status e criar um "outro" que justifique a repressão das mulheres que se desviam dos padrões esperados. Essa conexão de vozes mostra como a língua é modelada pela realidade social vivida por cada falante, ao mesmo tempo em que é historicamente construída por camadas de significado atribuídos ao longo do tempo. O fato de Fabiane ter sido chamada de "bruxa" evidencia a persistência do conceito de bode expiatório em nossa sociedade, onde indivíduos

marginalizados são frequentemente responsabilizados por problemas sociais mais amplos. Essa rotulação não apenas desumaniza a pessoa, mas também desvia a atenção das questões estruturais que contribuem para a violência e a injustiça. O linchamento, como uma forma extrema de violência coletiva, é frequentemente alimentado pela precariedade social e pela ausência do Estado em comunidades periféricas, como a de Morrinhos. Trata-se, vale destacar, da ausência do Estado na forma de políticas e serviços públicos, porém, da presença do Estado para exercer violência policial sobre a população, por exemplo. Como apresentado no capítulo sobre os dados de Morrinhos, nessas áreas, onde a segurança e a justiça são frequentemente negligenciadas, a população se sente abandonada e sem proteção. A falta de presença estatal cria um ambiente onde as pessoas, em vez de recorrer às instituições formais para resolver conflitos ou buscar justiça, acabam se voltando para a própria comunidade. Essa dinâmica pode resultar em reações impulsivas e violentas, como o linchamento, que se torna um ato de desespero e frustração diante da impotência frente à criminalidade e à injustiça. Além disso, a precariedade social caracterizada pela pobreza, falta de educação e ausência de oportunidades contribuem para a criação de um clima de tensão e insegurança. Em situações de crise, essas comunidades podem ver a violência como uma forma de restabelecer uma ordem percebida ou de se vingar de um sistema que se sente opressivo. Ao longo da pesquisa percebemos que a menção da falta do Estado é recorrente, mas ao mesmo tempo a presença do Estado é fortemente presente na questão da violência policial. Assim, a história de Fabiane reflete um ciclo vicioso de preconceito e estigmatização, que perpetua a cultura da violência e a exclusão dos grupos vulneráveis. No caso de Fabiane, dois elementos fundamentais na criação de um bode expiatório foram a representação de mulher e bruxa, bem como as ideologias de racismo religioso.

Um dos aspectos de gênero que nos leva a refletir sobre como a questão de gênero influenciou a construção de significados em torno do linchamento de Fabiane é a forma como ela foi frequentemente chamada de "dona de casa". Além de ser denominada como "dona de casa" a Fabiane recebeu outras denominações semelhantes como por exemplo: "mãe de família", "mulher comum" e "vítima".

*“A família conta que aos 33 anos Fabiane era **uma mulher comum. Dona de casa, religiosa.**”* (CBN - A BRUXA DO GUARUJÁ. 01.07.2022. Disponível em : [CBN - Vozes: Histórias e Reflexões - A Bruxa do Guarujá \(globo.com\)](https://www.cbn.com.br/vozes/historias-e-reflexoes-a-bruxa-do-guarujá))

*“É sempre assim, né; é que **ela era uma mãe de família e ela estava desorientada.** No dia que ela tava em crise, em surto, enfim... e aí ela tava meio desorientada, e o pessoal confundiu ela com a bruxa, suposta bruxa, e espancou e foram muitas pessoas que espancaram essa senhora”. (Leal e Martin, 2019, p. 8).*

A expressão “dona de casa” traz um conjunto de significados que expressam normas sociais e culturais. Tradicionalmente, a “dona de casa” é vista como a cuidadora do lar, isso inclui trabalhos como cozinhar, limpar a casa e cuidar das pessoas que moram com ela. A expressão “dona de casa” carrega significados que podem ser interpretados de maneiras diferentes, dependendo do contexto cultural, histórico e social. Para uns a expressão “dona de casa” simboliza um modelo de cuidado e “decência” que a mulher deve seguir de modelo e enquanto para outros a expressão simboliza um de opressão. Assim como os sentidos do passado podem ser lembrados e reinterpretados, o rótulo “dona de casa” pode ser visto sob diferentes perspectivas ao longo do tempo. Em certos contextos, pode ser associado a uma figura de cuidado e dedicação, enquanto em outros pode ser usado para reforçar estereótipos negativos ou limitações impostas às mulheres. No caso de Fabiane, os discursos que se enquadram como “dona de casa” e “religiosa” procuram justificar que, por tal razão, ela seria o oposto da suposta “bruxa” e “praticante de magia negra”. Essas categorias, no entanto, parecem ser os dois lados de uma mesma moeda no enquadramento das representações de mulher na sociedade. Portanto, a forma como Fabiane é chamada reflete não apenas a sua realidade, mas também um diálogo contínuo sobre o papel das mulheres na sociedade, que se estende do passado ao futuro. Essa dinâmica ressalta que a identidade e os papéis de gênero não são estáticos, mas sim moldados por diálogos sociais que mudam, trazendo à tona tensões, relações de poder e sentidos novos e reconfigurados em cada época.

Após a morte de Fabiane, em várias entrevistas é possível notar amigos e parentes lembrando que a Fabiane era uma mulher responsável, cuidadora e dona de casa. A vida de Fabiane reflete os desafios de mulheres que se encontram nessa mesma posição, a rotina diária não inclui só as tarefas domésticas atribuídas para as

mulheres, mas também inclui a luta pela segurança e dignidade, muitas vezes num contexto social hostilizante.

Conforme a página do Facebook “Guarujá Alerta” postava as notícias sobre a sequestradora de crianças no bairro de Morrinhos IV, as publicações recebiam inúmeros tipos de comentário e, em sua maioria, xingando e difamando a suposta mulher, conforme os exemplos abaixo:

“ainda bem q mataram essa fdp. ate q fim os “manos” fizeram algo certo!” (Behs, 2016, p.8)

“Vai tomar só rajada essa cachorra” (post retirado do artigo de Behs)

Desde que a página do Facebook começou a publicar as notícias sobre “a bruxa do Guarujá” dando espaço para todos os tipos de comentários, a rede social se tornou um espaço de comportamentos agressivos, desumanizadoras e violentos que se manifestam online. As informações divulgadas não tinham a sua veracidade verificada e, assim, a sua propagação resultou em um comportamento agressivo e provocativo promovendo discursos de ódio que ganharam atenção pública rapidamente. Além do termo “filha da puta” o trecho apresentado acima traz também uma reflexão ao que se refere “até que enfim os MANOS fizeram algo certo”. A misoginia está diretamente relacionada ao uso da palavra “manos” nesse trecho, ela revela um desprezo pela vida feminina e uma valorização da ação violenta masculina. o trecho sugere que os homens são os responsáveis pela “justiça” em situações de conflito, enfatizando um ideal de masculinidade que associa a violência à resolução de problemas. Ao se referir a “manos” como se fossem heróis por cometerem um ato violento contra uma mulher, o trecho reforça a ideia de que a vida e a dignidade das mulheres são secundárias, legitimando a violência como uma forma de controle e opressão. Essa mentalidade perpetua a cultura da misoginia, que desumaniza as mulheres e normaliza a violência de gênero.

Ao celebrar tais comportamentos, cria-se um ciclo vicioso que não apenas marginaliza as vítimas, mas também alimenta uma sociedade em que a brutalidade é vista como aceitável. Assim, é essencial confrontar essas ideologias prejudiciais e promover uma cultura de respeito e igualdade. Na próxima seção, apresentaremos as considerações finais desta pesquisa.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O linchamento de Fabiane Maria de Jesus é um trágico exemplo para a análise dentro do campo relacionado a gênero e ao racismo religioso. Esta pesquisa buscou compreender como a construção social de rótulos associado à mulher e as religiões de matrizes africanas resultou em um ato extremo de violência, mostrando questões que estão enraizadas no preconceito e na marginalização de certos grupos.

Durante a pesquisa foi possível perceber que o gênero desempenhou um papel central na forma como a Fabiane foi rotulada pela comunidade. A figura da “bruxa” associada a práticas de magia negra se refere a uma longa tradição de demonização da imagem feminina, principalmente daquelas mulheres que fogem do padrão da sociedade patriarcal. O racismo religioso também se mostrou um fator importante, pois, ao fazermos a associação com religiões de matriz africana e com a magia negra, continuamos demonstrando como essas religiões seguem sendo alvo de preconceito e perseguição no Brasil.

A luta contra o racismo religioso exige uma abordagem diversificada, que inclua a educação e o respeito à diversidade religiosa. Algumas dessas abordagens seriam, fomentar a criação de espaços para diálogos entre as tradições religiosas, promover atividades visando uma troca cultural, como eventos e apresentações onde as práticas da religião possam ter seus conhecimentos passados. Igualmente importante é o desenvolvimento de políticas públicas que garantam um suporte para as religiões, como o combate aos discursos sensacionalistas, entre outros diversos tipos de abordagens para fortalecer a luta contra o racismo religioso praticado em relação às religiões de matrizes africanas.

Lutar contra o racismo religioso é também enfrentar a luta contra o racismo em si, já que as religiões de matrizes africanas carregam consigo a identidade e resistência dos povos africanos e afrodescendentes no Brasil.

A disseminação de fake news e informações não verificadas nas redes sociais desempenhou um papel crucial no linchamento de Fabiane, amplificando rumores e criando um clima de histeria coletiva. Essa dinâmica evidenciou como a falta de verificação e o compartilhamento irresponsável de informações podem ter consequências devastadoras, levando comunidades a agir impulsivamente e de maneira violenta. A tragédia de Fabiane é um alerta sobre a importância da

responsabilidade com à informação, ressaltando a necessidade de uma conscientização coletiva sobre o impacto das redes sociais na formação de opiniões e decisões, especialmente em contextos de vulnerabilidade social.

Este trabalho mostra a importância do debate não apenas sobre a violência física do linchamento, mas também das violências estruturais que alimentam esses atos. O caso da Fabiane Maria de Jesus não foi um caso isolado, mas sim um reflexo de questões sociais mais amplas que merecem mais atenção.

REFERÊNCIAS

ANDORINHA, Sílvia Maria L. de Carvalho. **A “religiosa” e a “bruxa” imagens da mulher em contos populares.** 2008. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Estudos europeus, Universidade de Évora, Portugal, 2008.

BAKHTIN/ VOLOSHINOV. **Fragmento III de Discurso na vida e discurso na arte,** 1926, Slovo v zini i slovo v poésie - Texto traduzido por C.A. Faraco e Cristóvão Tezza para fins didáticos, tendo como base a tradução inglesa de I. R. Titunik (“Discourse in life and discourse in art concerning sociological poetics”), publicada em V. N. Voloshinov, Freudism, New York Academic Press, 1976.

BEHS, Micael Vier. **Regulações e disrupções entre boato e notícia: percursos metodológicos em torno do caso da Bruxa de Guarujá.** Anais de Resumos Expandidos do Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais, 2019.

BOATINI JÚNIOR, Danton José. **O boato na era das redes sociais digitais: uma análise do caso Guarujá.** PUCRS, 2016.

CHIOVATTO, ANA CAROLINA LAZZARI. **A consolidação do estereótipo da “bruxa” e sua resignificação na contemporaneidade: nuances de uma alteridade disforizada,** São Paulo, USP, 2022.

FAKE News provocou linchamento e morte de uma inocente. GloboPlay, 2023. 1 vídeo (19 min). Publicado pelo Linha Direta. Disponível em : [Linha Direta | Fake News provocou linchamento e morte de uma inocente | Globoplay](#). Acesso em : 13 jun 2023.

FARACO, Carlos Alberto. **O estatuto da análise e interpretação dos textos no quadro do Círculo de Bakhtin.** 1º Encontro Internacional do Interacionismo Sociodiscursivo. 2006.

FERNANDES, Henriclay Oliveira; DENARDI, Vanessa Goes. **Palavras na encruzilhada: Uma análise discursiva do racismo religioso.** JURES, Espírito Santos, ed.2022.

FORSTER, Renê *et al.* **Fake News: O Que É, Como Se Faz E Por Que Funciona?.** Scielo , Rio de Janeiro: Scielo, 2021.

LEAL, Felipe Miranda; MARTIN, Denise. **O linchamento em Morrinhos (boato, estigma e violência).** Scielo, São Paulo, 2019.

IBGE. População estimada. Disponível em : [IBGE | Cidades@ | São Paulo | Guarujá | Panorama](#). Acesso em : 20 ago 2024

INSTITUTO PÓLIS. **Resumo Executivo Guarujá,** 2020. Disponível em : [Resumo-Executivo-GUARUJA-Litoral-Sustentavel.pdf \(polis.org.br\)](#). Acesso em : 20 ago 2024.

MARQUES, Bárbara; PEREIRA DA SILVA, Marcelo. **Fogueiras inquisitórias e redes sociais digitais: Estudo do caso Fabiane, “A bruxa do Guarujá”**. Revista Multiplicidade, 2021.

MARTINS, José de Souza. **Linchamento, o lado sombrio da mente conservadora**. Tempo Social, São Paulo, Brasil, v.8, n.2, p.11-26, 1996.

MARTINS, José de Souza. **Linchamentos: A JUSTIÇA POPULAR NO BRASIL**. Brasil: Contexto, 2015.

MOTA, Emília Guimarães. **Diálogos sobre religiões de matrizes africanas: racismo religioso e história**. Revista Calundu, [S.l.], v.2, n.1, 2018.

O DILEMA das redes. Direção: Jeff Orlowski. Produção: Larissa Rhodes. Vale do Silício, localizado na Califórnia, nos Estados Unidos, Netflix, 2020.

RODRIGUES, J. W. C. **Ensaio sobre os significados do linchamento ocorrido no Guarujá - Sp (2014) sob a perspectiva sociológica**. Revista Transgressões, [S. l.], v.4, n.1, p. 116- 132, 2016.

SINHORETTO, Jacqueline. **Linchamentos: insegurança e revolta popular**. Revista Brasileira de Segurança Pública, [S.l.], v, 3, n. 1, p. 72-92, 2009.

VOLOSHINOV, Valentin Nikolaevich (BAKHTIN, Mikhail). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.